

Unidade 3: Multiculturalismo e Exclusão Social

Centro Universitário Estácio Radial
(adaptado por Prof. Daniel Caetano)

1. Cultura

Segundo Edward Tylor, um dos primeiros antropólogos a sistematizar este tema, a cultura poderia ser definida como todo aquele conjunto de conhecimentos, que inclui crenças, arte, moral, lei, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro de um grupo ou sociedade. As pesquisas antropológicas têm demonstrado que a cultura exerce sobre cada indivíduo uma enorme influência, com relação aos seus hábitos, crenças, práticas sociais e valores morais.

A antropóloga Ruth Benedict chegava a afirmar que a cultura seria “a lente através da qual o homem vê o mundo” (Laraia, Roque. Cultura um conceito antropológico). Isto significa que a realidade que se apresenta para cada um de nós, com nossos valores, hábitos alimentares, noções de certo e errado etc... pode ser completamente diferente daquela apresentada para um indivíduo, que pertença a uma cultura diferente da nossa. Estas diferentes visões de mundo, em casos extremos podem levar ao conflito e à guerra.

2. Etnocentrismo e Exclusão

Para os antropólogos o etnocentrismo é um fenômeno universal, pois os indivíduos vêem o mundo através de sua cultura. Logo, agir de modo etnocêntrico significa ter a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Uma espécie de modo ?padrão? de organização social, que deveria ser seguido por todas as sociedades humanas. O problema é que cada sociedade considera o seu modo de vida como um exemplo para todas as demais. Daí a possibilidade de conflito e exclusão.

3. Multiculturalidade e a Exclusão Social

Em regiões como a América Latina assistimos a um processo de hibridização cultural, ou seja, de uma grande mistura de práticas culturais e grupos étnicos, o que ressalta a importância sobre a conscientização sobre o caráter multicultural das diferentes sociedades latino-americanas. Contudo, nem sempre a evidência desta diversidade tem apontado num sentido de um convívio mais democrático entre as diferentes culturas. Isto significa que, paralelamente a esta diversidade, em muitos segmentos destas sociedades continua-se a reproduzir um discurso “engessado” e monocultural, marcado por um sentido de exclusão, com um caráter autoritário, que se propõe a impor um determinado modo de vida sobre os demais (Candau, Vera Maria. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.)

O que pode ser percebido, como consequência inclusive de nossa herança colonial, é que as relações étnicas nas sociedades contemporâneas da América Latina apresentam-se como reflexos de estruturas de dominação e disputa pelo poder político. Neste sentido, mesmo constatando a presença de uma realidade social marcada pela multiculturalidade, é possível identificar um sentido

homogeneizador na cultura, o que estabelece muitas vezes uma desconexão entre o discurso e a prática social. Esta reprodução de um único discurso, que seria aquele dos segmentos mais elitizados da sociedade, tem como consequência a criação de verdadeiros “aparteids” socioculturais, gerando processos de “guetificação”.

De modo conclusivo, fica evidente que a simples consciência do caráter multicultural da sociedade não estabelece, por si só, uma perspectiva mais democrática, no que se refere às relações entre os diferentes grupos étnicos. Como alternativa torna-se necessário construir um sentido intercultural para as relações sociais, o que significa um maior cuidado com as reações etnocêntricas e uma maior tolerância para com as diferenças culturais. Neste sentido a perspectiva intercultural envolve uma efetiva relação dialógica entre os diferentes segmentos sociais e grupos étnicos.